

---

## Por uma Educomunicação Popular: Reflexões a partir de diálogos com Youtubers e Coletivos de Comunicação<sup>1</sup>

Valeska Sales Martins Fernandes<sup>2</sup>  
Nilton José dos Reis Rocha<sup>3</sup>  
Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO

### RESUMO

O presente artigo, provém de um Trabalho de Conclusão de Curso de Relações Públicas. Partiu do objetivo, numa teoria crítica das práticas do que se define como *youtubers* de esquerda e coletivos populares de comunicação/cultura. Com a indagação se é possível uma educomunicação popular no ciberespaço. Haveria possibilidades concretas de se pensar e se articular um conjunto de práticas populares, no ciberespaço e que poderiam ser definidas como educomunicação popular? Foram realizados diálogos com os *youtubers* Jones Manoel e Juliane Furno e coletivos de Comunicação/Cultura: Coletivo Brasil de Comunicação - Interozes e Periferia em Movimento - Produtora de Jornalismo de Quebrada para assim de tirar reflexões e saídas para a construção de uma educomunicação no ciberespaço.

**PALAVRAS-CHAVE:** comunicação popular; educomunicação; ciberespaço; movimentos sociais.

### INTRODUÇÃO

O presente texto aborda o questionamento, se, haveria possibilidades concretas de se pensar e se articular um conjunto de práticas populares, no uso e manuseio das possibilidades abertas no e pelo ciberespaço, que poderiam ser definidas como educomunicação popular? Ou seja, práticas e conteúdos que, comportando o leque imenso da cultura, da política, da economia, da religiosidade inclusive, contribuíssem na organização das sociedades, que saíssem de uma consciência coletiva para a consciência dos coletivos – também enquanto classe social – e fossem geridas, democraticamente, pelas as pessoas que mais precisam delas (VISVANATHAN, 2004) e estão nos movimentos sociais populares?

Ancorados também numa teoria crítica, partindo das práticas do que se define como *youtubers de esquerda e coletivos populares de comunicação/cultura*, indagar se

---

1 Trabalho apresentado IJ06 - Interfaces comunicacionais, da Intercom Júnior – XVII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

2 Bacharel em Relações Públicas da FIC-UFG, e-mail: [valeska.fernandes@gmail.com](mailto:valeska.fernandes@gmail.com)

3 Professor do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Goiás (UFG). Pós-Graduando em CES-Coimbra, e-mail: [niltin.rocha@gmail.com](mailto:niltin.rocha@gmail.com)

---

*é possível uma educomunicação popular no ciberespaço (?)*. Isto enquanto pergunta inicial geradora, já numa primeira aproximação freireana e, ao mesmo, uma hipótese provocadora de entrada, que pode(m) ser respondida(s) ou, ainda, demonstrada(s) ou não, pelos mergulhos nos campos das observações bibliográfica e das concretudes simbólicas do ciberespaço

Os objetivos, então, são um esforço em se aproximar de conceitos da educação libertadora, em Paulo Freire, aos da comunicação popular utilizados por autores como Festa (1986) , Kaplún (1998), Peruzzo (2002, 2006, 2008, 2018) e Rocha (2006) e refletir como se dá a proposta, *da esquerda*, em canais de *Youtube* e se ela se aproxima ou não dos princípios de uma comunicação enquanto educação popular, ou seja, como questão provocadora. Será possível tal prática, em uma plataforma tão ampla e atravessada por interesses diversos em uma sociedade capitalista?

O estudo se baseia em pesquisa bibliográfica, se apoiando em autores que debruçam seus estudos na comunicação popular na América Latina. Para um aprofundamento no entendimento de como é realizada a comunicação por *youtubers* de esquerda e coletivos de comunicação foram realizadas entrevistas junto aos *youtubers* Jones Manoel, do *Canal Jones Manoel*<sup>4</sup> e Juliane Furno do *Canal Ju Furno*.<sup>5</sup> Como elemento de reflexão e provocação, foram realizados também diálogos com duas pessoas de plataformas coletivas, Gyssele Mendes do *Intervozes - Coletivo Brasil de Comunicação Social*<sup>6</sup> e Aline Rodrigues da *Periferia em Movimento - Produtora de Jornalismo de Quebrada*.<sup>7</sup>

A partir dos diálogos realizados com os *youtubers* e os coletivos de comunicação, tirou-se - (in) conclusões para se avaliar, então, as possibilidades, ou não,

---

4Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UC02coXfDPjEmU8uDT2G8Z2A> Acesso: 28 de dezembro de 2020.

5 Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCQNp5qrzckO45QFyaVPh9Lg> Acesso: 20 de maio de 2021.

6 Disponível em: <https://intervozes.org.br/> Acesso: 20 de maio de 2021.

7Disponível em: <http://periferiaemmovimento.com.br/> Acesso: 20 de maio de 2021.

---

de uma prática de esquerda na plataforma *youtube*. E, por fim, debruçou-se sobre qual a utopia que se deseja construir, utilizando-se de Freire.

## **1. BATALHAS DE IDEIAS - O SIMBÓLICO E O CAMPO MIDIÁTICO**

Entendeu-se a necessidade de um aprofundamento nos estudos das estruturas de poder da sociedade para que se entenda também como funcionam essas estruturas de poder dentro do campo midiático. É entendido que as elites que compõem a sociedade detêm de forma momentânea os aparelhos ideológicos e acima de tudo, trabalham com o simbolismo e a com uma pedagogia para passar suas ideias e para que as mesmas permaneçam. (ALTHUSSER, 1980)

Essas elites trabalham para que, assim, se continue com a lógica de gestão de uma classe pela outra, por meio das instituições que compõem a sociedade. Porém, apesar dessa lógica, o presente trabalho irá mostrar que seres sociais têm existido e resistido ao longo do tempo, que mesmo que com essas lógicas, há embates, há um campo de batalhas, sendo possível discutir outras formas de sociedade e organização da mesma.

Em paralelo a essa introdução percebemos que os aparelhos ideológicos possuem um poder que não é algo visível aos olhos, existe um poder no qual Bourdieu (1989) chama de simbólico. Esse poder trabalha na tentativa de convencer as pessoas das ideias das elites.

Para idem (1989), o poder simbólico é o poder invisível, é uma construção da realidade, uma construção de sentido do mundo social. Em todos os espaços já estamos estimulados a como se portar, agir, comunicar, atuar, isso já é internalizado desde de muito cedo como já explicado por Althusser (1980).

Essas ações de acordo com Bourdieu (1989) são um processo de violência simbólica, porém, essa violência não é tida como dada, existe sim uma disputa constante, um campo de batalhas e interesses nos quais não aceitam essa violência passivamente. As elites, isto é, quem está governando momentaneamente, tenta tomar

---

esse campo permanentemente, porém os seres sociais com suas contradições veem esse campo como uma disputa constante a ser tomado como seu.

Entende-se que a construção dessa liberdade completa, plena, em que os seres sociais se expressam e propagam suas idéias, é extremamente perigoso para as estruturas da sociedade na qual vivemos hoje. E devido a isso é que se inicia a problematização da democratização da comunicação. Há impedimentos para que se democratize a comunicação como forma de frear essa expansão dos símbolos não hegemônicos. Como elucidada o autor:

A reação do capital e das elites, de modo especial na América Latina, a qualquer fluxo autônomo de bens simbólicos estimula uma hipótese introdutória: o simbólico como campo decisivo nas disputas pela gestão (e controle) dos interesses coletivos, onde a comunicação desempenha um papel fundamental na distribuição de leituras do mundo que, como sabe, compõe as estratégias do capitalismo cognitivo na atualidade. Não basta, nestas estratégias, ter o monopólio de propriedade dos meios, é preciso impedir os outros fluxos, os portadores de outros conteúdos e outros sentidos, de outras possibilidades e numa esperança não-hegemônica. (ROCHA, 2011, p.2)

O Campo Midiático, ou seja, a Comunicação de Massa, a Comunicação das Elites, como afirma FESTA (1986), atua com o objetivo de transmitir e passar os interesses políticos e econômicos da classe que governa para as pessoas, a fim de que essa lógica estrutural permaneça. Mesmo que, apesar de haver brechas a nível de produção e recepção dessas informações, “o entrave ideológico que ela impõe à sociedade civil é o de definir e estabelecer a temática e as áreas do discurso social” (idem, 1986, p.11)

Por isso, entende-se que as lutas mais decisivas atualmente se dão no meio simbólico (FISCHER, 1997), e por isso, a mídia é um forte aparelho ideológico de estado, pois ela atua não apenas como veiculadora ou como forma de entretenimento. A mídia tem um importante papel pedagógico, e também, de formadora de opinião para os seres sociais.

E o problema que nos ocupa aqui é justamente o da "pedagogização" da mídia, num tempo em que estaríamos vivendo o deslocamento de algumas funções básicas, como a política e a pedagógica, que gradativamente deixam seus lugares de origem - os espaços institucionais da escola, da família e dos partidos

---

políticos -, para serem exercidas de um outro modo, através da ação permanente dos meios de comunicação. (idem, 1996, p.61).

Existe assim, a necessidade dos seres sociais se entenderem enquanto coletivo e romperem com esses símbolos nos quais diariamente possuem contato, para que, de forma consciente se criem diferentes símbolos, não apenas de um grupo de pessoas, mas que sejam símbolos coletivos, construídos nos seios da sociedade, a muitas mãos.

Por isso, ao afirmar que os MCMS auxiliam na construção, divulgação e disseminação desses símbolos das elites, é necessário também buscar e conhecer diferentes formas de comunicação que estão sendo feitas de formas coletivas na sociedade. Há diversos grupos, movimentos, coletivos, construindo e atuando numa constante batalha de ideias, para que, haja a contradição, haja a construção e identificação de novos símbolos, símbolos que lhes pertençam.

## **2. POR UMA OUTRA COMUNICAÇÃO E POR UMA OUTRA EDUCAÇÃO**

A partir do momento em que se nega os símbolos das elites, se reconhece o poder de construção de uma comunicação que seja coletiva. Os movimentos sociais e por consequência a comunicação popular, produzida pelos mesmos bebeu e ainda bebe dos ensinamentos de Paulo Freire.

Comunicação e Educação amplamente interligados, uma educação em que os seres sociais se entendem nesse campo de batalha. Para que, de maneira autônoma, se entendam em seu local, de onde falam, quais são as contradições do meio onde vivem e quais são os mecanismos, as formas, que irão impulsionar mudanças nessas contradições que eles mesmo percebem.

Entendendo que, os aspectos educativos dessa outra comunicação, são para que “para que o povo tome consciência de sua realidade” ou “para suscitar uma reflexão”, ou ainda “para gerar uma discussão” (KAPLÚN, 1985, p.17 apud PERUZZO, 2006, p.48). Essa outra comunicação tenta produzir numa perspectiva em que os meios de

---

comunicação sejam “instrumentos para uma educação popular, como alimentadores de um processo educativo transformador” (idem, p.48).

A partir disso, pode-se entender que a comunicação popular no Brasil possui uma prática pedagógica e educativa que visa o comunicar-se e o educar-se de maneira transformadora e coletiva da sociedade. Visa um horizonte de rupturas com o velho e a construção para um caminho com o novo, e que esse novo é o agora também.

Hoje, há muitos exemplos e perspectivas nas quais podemos mirar como um horizonte e tirar como exemplo. A comunicação popular já está atuante há bastante tempo na sociedade e grandes realizações estão e já foram feitas. Mirar um horizonte também é uma forma de entender os processos nos quais essa comunicação lutou e luta.

Tem-se o EZLN (Exército Zapatista de Libertação Nacional), a TV Viva, do Centro de Cultura Luiz Freire, a Rádio Favela, na região centro-sul de Belo Horizonte e um caso local, do estado de Goiás e importante a ser mencionado é a *Magnífica Mundi*, um Coletivo de Comunicação que surge na Universidade Federal de Goiás nos anos 2000.

Esses são apenas alguns exemplos da construção de uma comunicação popular, existentes. Em grande parte são inspiradores para que se continue na construção coletiva e cada vez de mais projetos e também inspiram as novas formas de produção de comunicação, hoje, cada vez mais iminentes dentro e fora do ciberespaço.

## **2.1 CIBERESPAÇO E A EDUCOMUNICAÇÃO POPULAR**

Entendendo que, grande parte desses movimentos mencionados possuem e possuíram uma maior proporção devido à ampla difusão da internet nos últimos anos, se faz necessário a exposição das mudanças ocorridas na sociedade em função da internet. O ciberespaço<sup>8</sup> tem proporcionado para os movimentos um amplo espaço de disputa do campo simbólico e de interesses.

---

8(...) espaço virtual ou imaterial criado pelos meios informáticos e dependente de computadores. (PERUZZO, 2010, p. 88)

---

A internet tem ocasionado mudanças significativas nas estruturas da sociedade, nos modos de comportamento, diálogo e conexão é um passo para que se perceba as novas construções simbólicas ocasionadas por ela. Entendo que, criticamente, grande parte da sociedade ainda não possui esse acesso. Porém, é necessário a reflexão também dessas contradições, a forma que a difusão da internet tem gerado para os movimentos sociais e não só.

A internet possibilitou “o acesso à troca e à divulgação de idéias, permitiu e/ou facilitou, mais que a expressão, a organização de diversos setores em torno de interesses, reivindicações e ações políticas.”(LEMOS et al, 2012). Ela descentralizou o processo de organização, modo de produção e gestão. E a partir disso podemos entender que a internet estendeu práticas dos movimentos sociais, e todas essas mudanças possibilitaram a criação de novas práticas, novas formas de organização da sociedade e de sociabilidade.

Se antes os processos comunicacionais se davam de forma mais lenta, hoje a noção territorial foi completamente modificada, é possível se organizar politicamente com inúmeras pessoas ao redor do globo. Como explica Peruzzo:

Estamos falando do surgimento das chamadas comunidades virtuais, especificamente da era do ciberespaço, cuja experiência vem alterando dimensões até então consideradas fundantes dos conceitos de comunidade. Ou seja, não há mais a necessidade de uma interação face a face, ou de se estar num mesmo território geográfico, para que se realize um processo comunitário. Por outras palavras, a configuração de comunidade não precisa restringir-se a demarcações territoriais geográficas, podendo as pessoas estarem cultivando relacionamentos e compartilhando interesses, identidades etc. também através das ondas eletromagnéticas, do ciberespaço ou rede de computadores. (idem, 2002, p. 5 e 6)

O ciberespaço é um lugar também de contradições, colocou nas mãos de mulheres e homens de todas as classes inúmeras ferramentas. Por não estar deslocado da sociedade, ele disputa com o uso perverso e contraditório das ideias e símbolos das elites e de espaços indiscutivelmente capitalistas. Por isso, entender que a era do ciberespaço mudou a nossa compreensão de mundo é também entender e olhar com criticidade em como esse espaço está sendo utilizado, por quem está e como.

---

Educação e comunicação populares estão, como se constata, intimamente ligadas, partes que se completam. O termo educomunicador surgiu nos escritos de Kaplún (1998) e conferiu uma pegada popular e latino-americana ao conceito. A educomunicação é uma prática que, independente de quais sejam as ferramentas utilizadas, ela amplia os “diálogos sociais e educativos” (SOARES, 2011). Por isso, Soares (2000) afirma:

"[Educomunicação] é o conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos presenciais ou virtuais, tais como escolas, centros culturais, emissoras de TV e rádios educativos", e outros espaços formais ou informais de ensino e aprendizagem. (SOARES, 2000, p. 43)

Diante disso, é possível dizer que a educomunicação não se usa apenas das *mídias*, ela tem como foco o processo de se fazer comunicação, do conteúdo que está sendo passado, mais do que os recursos que estão sendo realizados. E como a educomunicação possui em seus objetivos uma outra educação, na que Freire, ainda, afirma ser um dos caminhos para a autonomia humana, “a educomunicação se *suleia* pela racionalidade intercomunicativa, focada na formação e na multiplicação de sujeitos críticos, participativos e emancipados.” (ROSA, 2021, p. 22).

### 3. REFLEXÕES EPISTEMOLÓGICAS

Para o presente artigo traz-se a reflexão da construção de novas epistemologias e de se trazer seres a presença. Fruto de um trabalho de conclusão de curso, no qual, julgou-se parte importante trazer os diálogos realizados em sua íntegra e não apenas como apêndices. Por características próprias do tipo de escrita do artigo, os diálogos foram retirados. Porém, a reflexão em relação a importância do pensar juntamente com os movimentos sociais e também de trazê-lo a falar a palavra, ainda sim, se faz presente e necessária.

O reencontro com novas *epistemés* é um comprometimento também que esse trabalho se propõe e, na crença possível, de contribuir, ainda que infimamente, na sua



---

constituição. As/os pesquisadoras/es, comprometidas/os com a construção de um outro projeto de mundo, devem também reflexionar sobre os métodos utilizados. Não é possível – e seria muito contraditório - a construção de novas perspectivas teóricas assentadas em métodos pré-existentes e elaborados no bojo de base teórica mais conservadora.

O termo epistemologia, centra-se na crítica do conhecimento científico, está relacionado às condições de identificação e de validação de um conhecimento em geral, e também como crença justificada (SANTOS, 2018, p.302). Entendendo que, centrada em um conhecimento, entende-se que há epistemologias normativas específicas. Por isso, o autor trabalha com a ideia da construção de *Epistemologias do Sul* e de uma ecologia de saberes, diferentes e nunca iguais ou superiores entre si.

E por isso, as duas maiores tarefas que as Epistemologias do Sul trazem é a de “identificar e discutir a validade dos conhecimentos e dos saberes que não são reconhecidos como tais pelas epistemologias dominantes.” (SANTOS, 2018, p.302). É a de trazer os saberes considerados inexistentes por não seguirem com as metodologias aceitas, “ou porque são produzidos por seres “ausentes”, seres considerados incapazes de produzir conhecimento válido devido à sua condição ou natureza subumana” (SANTOS, 2018, p.302).

E por isso, a importância de tornar os *seres ausentes em seres presentes*, existe uma urgência para que se almeje uma emancipação social.

As Epistemologias do Sul necessariamente invocam outras ontologias (reveladas por outros modos de ser, aqueles dos povos oprimidos e silenciados, povos que formam radicalmente excluídos dos modos dominantes de saber e conhecer). Já que tais sujeitos são produzidos como ausentes por meio de relações de poder muito desiguais, redimi-los é um gesto eminentemente político. (SANTOS, 2018, p.302)

E como continua (SANTOS, 2018), a importância de validar esse conhecimento é também reconhecer a luta e seus protagonistas e também o que é gerado e circula dessa luta. A outra tarefa é a de trazer os seres sociais à presença, seres esses que são coletivos, que precisam ocupar os meios intelectuais e acadêmicos. Por fim, traz-se

---

aqui, ainda a reflexão que Bourdieu (1994) realiza sobre os velhos princípios metodológicos e quais as considerações que devemos levar:

(...) sem dúvida porque [os pesquisadores] permanecem dominados pela fidelidade a velhos princípios metodológicos que são frequentemente decorrentes, como o ideal da padronização dos procedimentos, da vontade de imitar os sinais exteriores mais reconhecidos do rigor das disciplinas científicas; não me parece, em todo caso que eles levem em consideração tudo aquilo que sempre fizeram, e sempre souberam os pesquisadores que respeitavam *seu objeto* e os mais atentos às sutilezas quase infinitas das estratégias que os agentes sociais desenvolvem na conduta comum de sua existência (idem, p. 693)

Por isso, faz-se necessário que se abandonem seus círculos fechados, e seus elitismos em prol de “uma intelectualidade amorosamente inserida na cultura – intelectuais capazes de atuar na construção do projeto político de uma sociedade mais justa e colaborativa.” (LEMOS et al, 2012).

#### **4. (IN)CONCLUSÕES E DESAFIOS PARA SE PENSAR A PRÁTICA NO CIBERESPAÇO**

As percepções se iniciaram antes mesmo do primeiro diálogo ser realizado. Em primeiro momento, as/os autores parceiras/os foram essenciais para o processo de aprendizado, notando que, obteve-se contato com muitas e muitos por uma primeira vez. Devido a escola de comunicação optar por uma outra vertente de comunicação, conflitos teóricos e metodológicos foram desafiantes para se chegar ao produto final que é esse trabalho.

As questões tornaram-se mais desafiantes no levantamento quanto a coletivos, inseridos nos movimentos sociais, que, necessariamente, produzissem um conteúdo de educomunicação e, assim, dialogar com eles. Houve, em um primeiro momento, dificuldades para se encontrar uma vez que a maioria, à primeira vista, usa do ciberespaço muito mais como uma comunicação que visa a divulgação das suas ações ou de suas direções.

---

Nos diálogos, as pessoas foram instigadas a reflexionar sobre o tipo de comunicação em que está implicada; se existiam objetivos de uma educomunicação popular e os desafios para que o conteúdo seja multiplicado num espaço tão dinâmico e rápido. Bem como estimulada a dizer se tem ideia a quem fala ou a quem pretende falar e como esta audiência vem sendo aferida, de maneira contínua.

Diante de todos esses questionamentos, conseguiu-se elencar algumas assimilações da atuação, seja ela individual no *Youtube* ou coletiva por meio de coletivos. Como explicitado nas reflexões metodológicas, procurou-se não “esquartejar” as falas dos que dialogaram com o trabalho, e sim, um trabalho coletivo com os/as mesmos/as.

Outro ensinamento que esse trabalho trouxe foi a importância de não se esquecer dos ensinamentos de Paulo Freire. Não se pode deixar de lado a perspectiva tão importante que é o diálogo, a troca, o educar-se a si coletivamente. Deve-se sim sempre reinventar, produzir novas lógicas que sejam adequadas ao tempo presente, porém sem tirar a lógica da realidade concreta. É necessário ter ousadia e inovar nos métodos. Há muitos enfrentamentos em realizar uma outra comunicação dentro do ciberespaço, porém é preciso realizá-la.

O entendimento de onde se está, para conseguir avançar na luta e nas batalhas de ideias é essencial. Por fim, Peruzzo (2018) teoriza cinco desafios principais para os movimentos sociais na era da internet no qual dialoga com esse trabalho:

1. O primeiro desafio é qualificar as lutas sociais para garantir que o desenvolvimento tecnológico e, como tal, a internet, com todo seu poder de facilitar o acesso universal à informação e possibilitar compartilhamento de conteúdo, sejam colocados prioritariamente para servir o bem comum, uma vez mantido o sentido público da geração do conhecimento tecnológico.
2. Um segundo desafio, em matéria de canais e formas de comunicação, é cuidar para que se valorize a diversidade e o convívio da comunicação dialógica com as tecnologias tradicionais e com as modernas, como parte de um complexo comunicacional dos movimentos e organizações sociais sem finalidade de lucro.
3. Existem outros desafios subjacentes, como um terceiro, o de superar a premissa de políticas públicas baseadas em meras estratégias de inclusão digital. Há que se incorporar as tecnologias de informação e comunicação como plataformas de conhecimento para desenvolver as

---

culturas de informação, comunicação e conhecimento, na perspectiva da cibercultur@ defendida por Jorge A. González (2012), permitindo o fortalecimento da autonomia e a reenergização de estruturas sócio comunitárias.

4. O quarto desafio é criar e fortalecer comunidades presenciais e virtuais, para além de redes sociais no Facebook ou no WhatsApp. Comunidades pressupõem a existência de laços mais densos e duráveis, afinidades de propósitos e partilha dos benefícios advindos dos modos de atuação coletiva.
5. E um quinto seria o de superar a tendência ao individualismo e ao personalismo, tanto por parte de indivíduos, no uso de sítios na internet, quanto de lideranças de movimentos sociais e comunitários, o que significa o desenvolvimento do senso coletivista, do nós, do comum, da cooperação e da educação para o espírito cívico (PERUZZO, 2018:)

Os diálogos com as/os parceiras/os e as/os autores usados no trabalho auxiliaram nos objetivos e caminhos para um entendimento e reflexão de como o ciberespaço está sendo ocupado por meio da comunicação popular. E as reflexões de Peruzzo (2018) auxiliam nos para um caminho da práxis.

#### **4.1 CAMINHOS PARA A PRÁXIS E A CONSTRUÇÃO DE UTOPIAS**

Diante do escrito, observado, refletido, fica aqui o dever e compreensão de que ainda há muitos caminhos a serem percorridos, lutados e alcançados. Há uma urgência no compromisso com uma vertente libertadora do conhecimento: fazer rupturas, criar *outras* epistemologias e saberes que se organizam a partir das práticas populares. Essas rupturas não podem ser apenas conceituais, é preciso unir teoria e prática para trilhar esses caminhos.

A união de teoria e prática, ou melhor, a práxis, aqui entendendo que os seres sociais vão a da teoria vai para a prática e da prática formular novas teorias. Por isso, teoria e prática precisam estar juntas. Práxis “é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo. Sem ela, é impossível a superação da contradição opressor-oprimido” (FREIRE, 1987, p. 38).

Para entender um pouco desses caminhos, há necessidade de uma aproximação das contribuições de Montero (1998) para se identificar as referências que servirão de bases articuladoras dessas possibilidades

1. Uma concepção de comunidade e de participação assim como do saber popular, como formas de constituição e ao mesmo tempo produto de uma episteme de relação.
2. A idéia de libertação através da práxis, que pressupõe a mobilização da consciência, e um sentido crítico que conduz à desnaturalização das formas canônicas de aprender-construir-ser no mundo.
3. A redefinição do papel do pesquisador social, o reconhecimento do Outro como Si Mesmo e, portanto, a do sujeito-objeto da investigação como ator social e construtor do conhecimento.
4. O caráter histórico, indeterminado, indefinido, inacabado e relativo do conhecimento. A multiplicidade de vozes, de mundos de vida, a pluralidade epistêmica.
5. A perspectiva da dependência, e logo, a da resistência. A tensão entre minorias e majorias e os modos alternativos de fazer-conhecer. - A revisão de métodos, as contribuições e as transformações provocados por eles (MONTERO, 1998).

Durante a pesquisa percebeu-se que há muito acúmulo e muitas tarefas a serem exercidas para uma ocupação cada vez maior dos movimentos sociais no ciberespaço. A construção de um novo mundo vem também com inúmeros desafios e contradições. Acreditar que é possível é uma tarefa (talvez) mais importante, o convencimento de que o que precisa ser feito, de que é necessário a ocupação dos espaços, dentro e fora do ciberespaço.

Trazer pessoas para essa construção de uma outra comunicação é o maior desafio. O acreditar na utopia, como aquilo que ainda não tem lugar na sociedade. Utopia como algo que nos move para a construção do lugar. A “utopia influencia a teoria e o imaginário consciente do movimento a fim de estabelecer uma direção de ação proposital”. (FERNANDES, 2019, p.15)

Este trabalho aponta para a importância da disputa simbólica nas sociedades, as batalhas de ideias. A importância, ainda, de se fazer educomunicação, educar-se. Por isso, de nada vale o entendimento da importância dos movimentos sociais se os profissionais não são e/ou não aprendem a participar ativamente deles.

O ato de se propor outras epistemologias, na esfera da comunicação, sugere-se, de maneira obrigatória, a necessidade, talvez inadiável, de se criar ambientes de formação, na universidade e nos movimentos sociais, centradas no sul metafórico

(SANTOS, 2019). Freire lembra, oportunamente, que “a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos é libertar a si mesmos e a seus opressores” (1981, p. 35).

Termina-se, aqui, com Freire, sob a necessidade de se ocupar os espaços e o ciberespaço. Ter a cultura e seus grupos populares não apenas como objetos de pesquisa, mas como universos e seres da ação, do pensamento e da(s) história(s) da humanidade. *Sulear* é preciso.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSSER, L. **Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado**. 3. ed. Lisboa: Presença, 1980. \_\_\_\_\_. Sobre a reprodução. Petrópolis: Vozes, 1999.

BOURDIEU, Pierre. **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes. 1997

\_\_\_\_\_, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.

FESTA, Regina. Movimentos sociais, comunicação popular e alternativa. In: FESTA, R. ; SILVA, Carlos Eduardo Lins da (Orgs.). **Comunicação popular e alternativa no Brasil**. São Paulo: Paulinas, 1986. p.9-30.

FERNANDES, Sabrina. **Sintomas Mórbidos: A Encruzilhada da Esquerda Brasileira**. São Paulo: Autonomia Literária, 2019.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O estatuto pedagógico da mídia: questões de análise. **Educação e sociedade**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 59-80, jul./dez., 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Petrópolis: Vozes. 1978

KAPLUN, Mario. Del educando oyente AL educando hablante. In: Una **Pedagogía de la Comunicación**. Madrid, Ediciones de la Torre, 1998.P. 204 – 230.

LANDER, Edgardo. "Ciências sociais: saberes coloniais e eurocêtricos", em: E. Lander (organizador), **A colonialidade do saber**. Eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas, Buenos Aires: Conselho Latino-americano de Ciências Sociais (CLACSO), 2005, pp. 21-53.

LE MOS, Maria Alzira Lemos; WINCK João Baptista; DIMANTAS, Hernani. Os intelectuais e a cibercultura: além de apocalípticos e integrados. **Revista Espaço Acadêmico**, 17 de mar. 2012. Disponível em: <https://espacoacademico.wordpress.com/2012/03/17/os-intelectuais-e-a-cibercultura-alem-de-apocalipticos-e-integrados/>. Acesso em: 20 jan. 2021.

MONTERO, Maritza. 1998. **Paradigmas, conceptos y relaciones para una nueva era**. Cómo pensar las Ciencias Sociales desde América Latina (Caracas: Dirección de Estudios de Postgrado/Facultad de Ciencias Económicas y Sociales/Universidad Central de Venezuela) 20 de junho. Seminário Las ciencias económicas y sociales: reflexiones de fin de siglo.

---

PERUZZO, C.M.K.; COGO, Denise; KAPLÚN, Gabriel. Comunidades em Tempos de Redes. “**Comunicación y movimientos populares: ¿Quais redes?**”. Porto Alegre: Editora Unisinos, 2002. p.275-298

\_\_\_\_\_, C.M.K. **Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados. Reelaboraões no setor**. Revista Palavra Clave, Vol 11, No 2 (2008), Universidad de La Sabana. Colombia.

\_\_\_\_\_, Cicilia M.K. Possibilidades, realidade e desafios da comunicação cidadã na Web. **Revista Matrizes: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação**. São Paulo, ECA-USP, v.12, n.3, p.77-100, 2018. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/matrizes/issue/view/10940>

\_\_\_\_\_, Cicilia M.K. **Revisitando os conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária**”. Núcleo de Pesquisa “Comunicação para Cidadania”, XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Brasília-DF, INTERCOM/UnB, 6 a 9 de setembro de 2006.

ROSA, R. **Epistemologias do Sul: desafios teórico-metodológicos da educomunicação**. Comunicação & Educação, [S. l.], v. 25, n. 2, p. 20-30, 2020. DOI: 10.11606/issn.2316-9125.v25i2p20-30. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/172642>. Acesso em: 11 jun. 2021.

ROCHA, N. J. R. **Por uma comunicação insubmissa. Movimentos sociais e redes populares na Web: Os grandes desafios do presente**. Cabo dos Trabalhos, Coimbra- Portugal, p. 1 - 20, 20 mar. 2011.

\_\_\_\_\_. **Fim do Império Cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul**. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

\_\_\_\_\_. **Construindo as Epistemologias do Sul: Antologia Esencial. Volume I: Para um pensamento alternativo de alternativas / Boaventura de Sousa Santos; compilado por Maria Paula Meneses... [et al.]. - 1a ed. - Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2018. V. 1, 688 p.; 20 x 20 cm - (Antologías del Pensamiento Social Latinoamericano y Caribeño / Gentili, Pablo)**

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: um campo de mediações**. Comunicação & Educação. São Paulo: ECA/USP-Editora Segmento, Ano VII, set/dez. 2000, nº 19.

\_\_\_\_\_. Ismar de Oliveira. **Educomunicação, o conceito, o profissional, a aplicação**. São Paulo: Paulinas (2011).

VISVANATHAN, Shiv. **Convite para uma guerra da ciência**. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.). *Conhecimento prudente para uma vida decente* São Paulo: Cortez, 2004. p. 757-776